TRADUÇÃO DO CONTO "SONO ZENJITSU" DE SHUSAKU ENDO

A idéia de traduzir este conto "Sono Zenjitsu" partiu de uma tentativa de se alcançar um melhor entendimento do texto. Esperava-se que através do exercício da tradução, as particularidades lingüísticas e expressivas do conto fossem melhor apreendidas para o estudo do conto. Esta proposta inicial passou a adquirir uma outra preocupação, isto é, a de realizar uma tradução propriamente dita, a partir do momento em que se começava, cremos, uma compreensão maior do conto. "Sono Zenjitsu" foi, primeiramente publicado na revista Shinchô, em janeiro de 1963.

O autor, Shusaku Endo (1923) é considerado uma das maiores expressões da Literatura Moderna Japonesa. Tratando de assuntos que se relacionam com a propagação da fé cristã no Japão, ele tem como preocupação, abordar a condição do homem face às suas fraquezas. Dentre as suas obras, destacam-se: "Chinmoku" (O Silêncio, traduzido para o Português e editado pelo Círculo do Livro S.A.), "Umi to Dokuyaku" (O mar e o veneno), além de inúmeros contos.

Recebemos uma carta do próprio autor em fevereiro de 1985, onde ele manifesta a satisfação de sua obra ter sido traduzida para o português, no Brasil, e acrescenta o seguinte:

"Este conto, escrito há mais de dez anos, foi de grande importância para mim na apreensão de uma nova forma do gênero conto. As obras de escritores brasileiros estão, também, sendo constantemente traduzidas no Japão, merecendo o nosso respeito e admiração"

A tradução foi realizada em conjunto pelos alunos: Arisia Marico Miyazaki, Daisy Satsuki Kato, Elizabeth Mich Watanabe, Jamil Akio Ono, Luiza Harumi Higashi, Márcia Mitiko Sasaki, Maria Tie Fujiwara, Marly Hiroko Henmi, Mayumi Edna Iko, Mitie Neucy Matsubara, Sonia Yukari Ishimoto e Tereza Yasuko Endo, sob a minha coordenação e organização final.

Nossos agradecimentos ao Prof. Haquira Osakabe, da Universidade Estadual de Campinas, pelas valiosas observações relativas ao texto traduzido.

Elza Taeko Doi

NA VÉSPERA

Há muito que eu queria ter em minhas mãos esse *fumie*[1], e não sendo isso possível, que eu conseguisse pelo menos vê-lo. Pertencia ele ao senhor Tokujiro Fukae, da vila Oake em Sonogui, na Província de Nagasaki: uma imagem de Cristo em cobre, enquadrado numa moldura de madeira de vinte por trinta centímetros. Tinha sido um dos *fumie* utilizados durante a Uragami Yomban Kuzure, considerada a última das perseguições feitas aos cristãos no Japão. O acordo firmado entre os Estados Unidos e o Japão, no ano 5º da era *Ansei* (1858) já havia estabelecido a proibição do uso de *fumie*. Mas, apesar disso, algum tempo depois, voltava ele a ser novamente utilizado durante aquela perseguição.

Comecei a querer esse *fumie* após ter lido sobre Kakure[2] Togoro, da vila Takashima, numa revista cristã, o qual por ocasião de Uragami Yomban Kuzure renegou o cristianismo. Embora o autor da matéria não tivesse dado muita ênfase a Togoro, preocupando-se apenas com os fatos históricos daquela perseguição, lembro-me de que li o artigo com a atenção voltada apenas para aquela personagem.

Assim, escrevi uma carta falando de minhas impressões sobre Togoro ao Padre N., conhecido meu da época de estudante, que naquele momento se achava justamente em Nagasaki. Em resposta, o padre escreveu-me sobre o *fumie*, dizendo que o senhor Fukae, residente na Vila Oake, área de sua administração, possuía um *fumie* dessa época. Os seus ancestrais tinham sido oficiais do governo opressor.

Foi na véspera da terceira cirurgia que surgiu uma oportunidade para ver o *fumie*. Ficou decidido que meu amigo, o padre Inoue, mo

traria quando do seu retorno de Nagasaki. Não especialmente para mim, mas para ser guardado na biblioteca cristã da Universidade J. de Yotsuya. Uma pena. Mas, em se tratando de um objeto tão precioso... paciência. O padre Inoue telefonou à minha mulher dizendo que poderia me mostrar esse *fumie* por um instante, antes de encaminhá-lo à referida biblioteca.

Enquanto esperava o padre Inoue, eu cochilava no quarto, ouvindo o ensaio do coral. Devem ser as alunas da escola de enfermagem que ensaiam no terraço. O Natal está próximo. De vez em quando eu abria levemente os olhos, ouvia as vozes ao longe, e tornava a fechar as pálpebras.

Senti que alguém abria devagarinho a porta do meu quarto. Pensei que fosse a minha mulher. Mas ela deveria estar correndo atarefada com os preparativos para a grande cirurgia de amanhã; portanto, não poderia ser ela quem chegava agora.

— Quem é?

Era um homem de meia idade que vestia um blusão e usava um chapéu de alpinista. Um desconhecido. Observei primeiramente o seu chapéu sujo, em seguida o blusão adornado de pelos, depois abaixando o olhar para as grandes botas que calçava, pensei: "ah! deve ser o enviado do padre Inoue"

— O senhor é da igreja, não é?

— Hein?!

— É o enviado do padre, não é?

Eu sorri, mas o homem franziu a testa, e com uma expressão estranha disse:

— Bem... eu perguntei às pessoas da enfermaria... e me disseram que o senhor talvez comprasse...

— Comprar? Comprar o que?

— São 4 por 600 yens. Tenho livros também, só que hoje eu não trouxe.

Sem esperar a resposta da minha parte, mexendo o bolso da calça, o homem tirou um pequeno envelope. Dentro dele havia 4 fotos de bordas amareladas.

O contorno das pequenas figuras estava amarelecido, talvez devido a uma revelação mal feita. Na penumbra, os corpos obscuros de um homem e de uma mulher que se abraçavam. Parecia ser em um hotel sombrio de subúrbio. Ao lado da cama, só uma banqueta de madeira.

— Olha, amanhã vou ser operado.

— Por isso mesmo...

O homem, nem sequer se mostrou compassivo, e coçando as mãos com as fotos, disse:

— Como é véspera da operação, compra-se isto para proteger-se do mal. Assim, a operação será bem sucedida com certeza. Não é, patrão?

— Você vem sempre para este hospital?

— Sou o encarregado desta área.

Não sei se brincava ou se falava sério, mas o homem de chapéu de alpinista disse firmemente como um médico que, esta era a área de sua responsabilidade. Falava como se eu fosse seu paciente. Simpatizei-me com ele.

— Não dá. Não dá. Estas fotos não são interessantes.

— Não?!

O homem fez uma cara de decepção e disse:

— Se estas não estão boas, então, que tipo de fotos agradam ao patrão?

Ofereci-lhe um maço de cigarros. O homem começou a fumar e a falar.

— Não existe um lugar como o hospital onde os doentes, entediados, têm vontade de ver este tipo de fotos e livros. E, além disso, nem mesmo os policiais perceberiam. O lugar não poderia ser melhor. Por isso divido o serviço com os meus companheiros que ficam circulando pelos hospitais da cidade. Os doentes que vão se operar, compram estas fotos e fazem delas um amuleto.

Diz ele que este hospital está sob o seu encargo.

— Sabe, no outro dia também... É um velhinho que está internado na ala *"Ho"* Ele viu estas fotos antes de se operar e acabou dizendo que, com isto, não tinha mais nada que o prendesse nesta vida.

Eu ri. Para mim, esse homem era uma visita bem mais agradável do que a dos meus familiares que com uma cara de sofrimento, abrem levemente a porta do quarto. Ao terminar de fumar, o homem saiu do quarto com mais um cigarro preso na orelha.

Depois que ele se foi, comecei a provar uma vaga sensação de bem estar. Tal sujeito no lugar do padre! E as fotos eróticas ao invés do *fumie!* Hoje, na verdade, deveria ser um dia para refletir sobre várias coisas e também para deixar em ordem outras tantas. A cirurgia de amanhã seria diferente das duas realizadas até agora, por causa da aderência das pleuras, prevendo-se um risco e uma grande perda de

sangue. Tanto assim que os médicos tinham deixado para mim, a decisão de me submeter ou não à cirurgia. E a intenção de fazer uma cara de profundas meditações se rompia com a visita daquele sujeito. No fundo, aquela figura sombria com contorno amarelado testemunha que Deus realmente existe.

Quando os policiais da região atacaram a aldeia de Takashima, os moradores estavam rezando a prece vespertina. Naturalmente, eles tinham colocado um vigia, mas quando ele tocou o sino de alerta, os policiais já tinham invadido a casa do lavrador onde se realizava a prece.

Nesta noite, sob a luz do luar, tendo à frente dois líderes dos lavradores, dez homens foram levados para Uragami. Por sorte ou por azar, Togoro também estava entre eles. Que ele iria pisar no *fumie*, era algo que os companheiros pressentiam desde o início com uma certa ansiedade. A presença desse homem, era, desta forma, bastante incômoda nessa aldeia de intensa fé religiosa. Mesmo sendo um corpulento, era muito medroso. Anos atrás, Togoro foi provocado por um grupo de jovens de uma aldeia vizinha e, apesar de ser maior do que os demais, ficou imobilizado no chão. Tiraram-lhe as roupas do corpo e ele acabou voltando para a aldeia de Takashima, somente com *shitaobi*[3] Se nessa ocasião ele deixou de reagir, não foi por causa daquela coragem dos cristãos que diz: "se alguém te ferir na tua face direita, apresente-lhe a outra também", mas simplesmente porque estava com medo. Com isso, até os moradores da aldeia de Takashima passaram a desprezá-lo. Assim, mesmo com trinta anos, não havia quem quisesse casar-se com ele. Vivia só com a mãe.

Kashiti era entre os dez o de posição mais respeitada na aldeia. E, além disso, sendo um homem de caráter, encorajou especialmente Togoro, na noite que precedeu ao julgamento. Tanto Deus como Santa Maria, certamente, dariam força e coragem para eles. Aqueles que sofrem neste mundo, com certeza, conseguiriam no céu a ressureição. Foi assim que Kashiti aconselhou Togoro. Este, como um cão abandonado, olhava amedrontado para todos e, estimulado pelos companheiros, rezou juntamente com eles, as orações do Credo e do Pai Nosso.

No dia seguinte, bem cedo, pela manhã, o julgamento foi iniciado na delegacia de Uragami. Os homens amarrados, eram, um por um, arrastados para o frio local de interrogatório coberto de pedregulhos. Também nesta ocasião, as autoridades usaram o *fumie.* Aqueles que

não juravam o abandono da fé eram espancados violentamente. Togoro porém, acabou colocando o pé sujo sobre o rosto de Cristo estampado no *fumie*, antes mesmo que o arco fosse levantado. Olhando para os nove companheiros incluindo Kashiti, ensanguentados e descabelados, somente Togoro, com um olhar triste de um animal, foi libertado, empurrado pelo guarda para fora da delegacia.

— Hora da depilação e da coleta de sangue.

Desta vez era a enfermeira que entrou no quarto trazendo uma bandeja metálica e a agulha hipodérmica. As depilações são feitas no local onde, amanhã, será feita a cirurgia, e examina-se o tipo de sangue para a transfusão.

Ao tirar a camisa do pijama, o ar gelado penetra na pele. Erguendo o braço esquerdo, suporto a sensação provocada pelo movimento da lâmina na axila.

— Que cócegas!

— Quando tomar banho, lave bem direitinho este lugar, entendeu? Está cheio de sujeira.

— Aí não dá. Está meio insensível por causa das duas operações. Não consigo esfregar.

Tenho nas costas uma grande cicatriz de corte transversal. Como a incisão foi feita por duas vezes, somente nesse local a cicatriz está saliente. Amanhã, mais uma vez, o bisturi gelado deverá correr nesse local. Meu corpo deverá ficar ensanguentado.

As nove pessoas, excluindo Togoro, foram por hora, mandadas para Nagasaki, por não aceitarem de forma alguma a apostasia. No ano seguinte, ano 4º da era Keio, eles foram mandados de navio, de Nagasaki para Tsuyama, perto de Bidô. Era um entardecer chuvoso e o navio sem cobertura ficara encharcado; os prisioneiros que estavam apenas com a roupa do corpo, protegiam-se do frio esfregando seus corpos uns nos outros. Quando o navio se afastava de Nagasaki, um dos prisioneiros que se chamava Bunji, avistando no porto um homem que aparentava ser um trabalhador braçal, disse:

— Olhe lá, aquele não é Togoro?

De longe, Togoro dirigia para cá os seus olhos tristes, como a apelar aos companheiros, exatamente como naquela ocasião em que cometeu a apostasia. Todos desviaram o olhar como se estivesse vendo algo sujo. Ninguém mais abriu a boca.

A prisão onde os 9 homens ficavam situava-se numa montanha a

40 Kms. de Tsuyama, donde se via a casa dos guardas e um pequeno lago. No começo, quase não havia interrogatórios e os guardas eram magnânimos. As duas refeições diárias chegavam a ser gratificantes para aqueles pobres agricultores. Os guardas, sorrindo amigavelmente, diziam-lhes que bastava que eles abandonassem a religião para que lhes fossem dadas boas comidas e roupas quentes.

No outono desse mesmo ano, foram trazidos repentinamente, 14 a 15 novos prisioneiros. Eram crianças da aldeia de Takashima, terra natal daqueles presos. Surpreendidos com a estranha atitude das autoridades, os presos partilharam da alegria deste encontro com os familiares que não viam há tempo. Porém, logo depois, eles tiveram que compreender que tal procedimento significava um tipo de tortura psicológica denominada *Kozeme*.

Às vezes, os prisioneiros ouviam o choro das crianças que vinha da cela ao lado. Uma tarde, um dos prisioneiros que se chamava Fujiso, estando com o rosto encostado na pequena janela da cela, viu uma cena em que duas crianças esqueléticas caçavam libélulas e comiam-nas. Com isso, ele soube que as crianças não estavam sendo suficientemente alimentadas. Ouvindo isso, os outros nove homens choraram.

Eles imploraram aos guardas para que dessem às crianças pelo menos a metade das excelentes refeições que lhes eram servidas, mas o pedido foi-lhes negado. Os guardas, no entanto, disseram-lhe: — Se vocês abandonarem esta inútil religião, tanto vocês, como seus filhos poderão retornar para a terra natal, saudáveis como nunca.

— Pronto!

Enquanto eu esfregava o local da picada após a retirada da agulha, a enfermeira levou o tubo de ensaio à altura dos olhos e observou o sangue contra a claridade.

— Como é escuro o seu sangue!

— Isso não é bom?

— Não é isso. Só estou falando que é escuro.

Ao mesmo tempo em que a enfermeira saía, entrava um jovem médico que me era desconhecido. Quando eu ia me levantar, ele disse:

— Não, não. Fique à vontade. Sou Okayama, o anestesista.

A cirurgia de amanhã será assistida por um especialista em anestesia. E ele se apresentou como sendo o próprio. Colocando com formalidade o estetoscópio em mim, perguntou:

— Na cirurgia anterior, o efeito da anestesia passou depressa?

Da vez passada foram cortados 5 ossos da costela. Lembro-me de que, assim que terminou a cirurgia o efeito da anestesia também

passou, e senti então uma tremenda dor como se tivessem me espetado uma tesoura no peito. Contei isso e pedi:

— Desta vez me faça dormir pelo menos a metade do dia. Aquilo doeu muito.

O jovem médico riu: Vamos tentar.

Quando as autoridades perceberam que, apesar de tudo, os homens não se convertiam, começou-se a tortura. Os nove foram separados e colocados cada qual numa pequena caixa. Eram caixas onde os prisioneiros tinham que permanecer sentados sem poderem se movimentar. Havia somente um buraco na altura do rosto para que eles pudessem respirar. Não lhes era permitido sair da caixa, a não ser para fazer as suas necessidades.

Aos poucos o inverno vem se aproximando. Com o frio e o cansaço, o organismo dos prisioneiros começa a enfraquecer. Em compensação, começaram-se a ouvir risadas da cela ao lado onde ficavam as crianças. Os guardas também, eram afinal, pais, e por isso deram refeição às crianças. Presos nas caixas, os homens, cada qual em silêncio, ouviam essas risadas.

No fim de novembro faleceu o prisioneiro chamado Kumekiti. Era o mais velho dos nove e por isso não resistiu ao frio e ao cansaço. Kashiti tinha respeito e afeição por Kumekiti e, nessa vida de prisioneiro, pedia-lhe opinião para qualquer coisa que acontecesse. Sua morte o abalou muito. Colocando o rosto no buraco da caixa, Kashiti pensou no seu espírito enfraquecido. E, pela primeira vez, odiou Togoro que os traiu.

De novo, a porta se abre de mansinho. Será o padre? Não. Novamente é aquele homem de blusão e de chapéu de alpinista.

— Ó patrão!

— Ah! é você...

— É que... trouxe este amuleto...

— Já não lhe disse que não vou comprar?

— Não, não é a fotografia. Este aqui, dou-lhe de graça. Em compensação, patrão, se a operação for um sucesso, compre as fotos e os livros que eu trouxer...

E depois, abaixando a voz:

— Patrão, até mulheres eu posso arranjar. Se for aqui, as visitas são proibidas. A porta, dá para trancar. Cama, tem. Ninguém ficará sabendo...

— Está bem, está bem.

Deixando em cima da cama aquilo que segurava firmemente na mão, ele saiu do quarto. Olhei e vi que era um pequeno *kokeshi,* manchado de suor e sujeira, talvez porque o homem tivesse segurado com força.

Com a chegada do inverno, os prisioneiros foram retirados da caixa, mas mesmo assim, as manhãs e o entardecer eram frios. Fez-se um barulho de algo estalando na montanha que ficava atrás da prisão. O barulho dos galhos que se quebram com o ar gélido. No pequeno lago existente entre a cadeia e a casa dos guardas, formou-se uma fina camada de gelo.

Pouco antes do anoitecer, os guardas vieram e levaram dois dentre os oito prisioneiros: Seiiti e Tatsugoro. Empurraram-nos na lagoa coberta de gelo e, quando a cabeça aparecia na superfície da água, os guardas atacavam com uma vara. Uma tortura penosa. Desmaiados, Seiiti e Tatsugoro foram trazidos de volta para a cela, apoiados nos braços dos guardas. Os seis prisioneiros restantes, em consonância com a voz de Kashiti, rezavam a Ave Maria. Mas no final da oração "Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte", muitos chegaram a soluçar.

Nesse instante, através da janela da cela, Kashiti notou a presença de um homem magro e alto, com aparência de um mendigo, que olhava para os lados, como se estivesse procurando algo. Quando esse homem de cabelos e barbas crescidos como os de um deportado virou-se para cá, involuntariamente, Kashiti exclamou:

— Não é Togoro?

Togoro, abaixando a cabeça, parece estar apelando alguma coisa para o guarda que tentava expulsá-lo. Logo depois, esse guarda chamou o seu companheiro e os dois pareciam estar resolvendo alguma coisa. Eles trouxeram Togoro para a única cela livre da cadeia.

— É o companheiro de vocês.

Disseram os guardas meio embaraçados. Depois que eles saíram, os oito prisioneiros ouviram em silêncio o ruído que Togoro fazia ao se mexer na cela.

— Por que veio?

Finalmente, Kashiti perguntou a Togoro, como representante dos

demais. Esta era a dúvida de todos, mas Kashiti sentia dentro de si uma vaga inquietação. Achava que Togoro fosse o espião dos guardas. Pensava que esse homem poderia novamente vir a abalar o espírito enfraquecido de todos, mesmo que não fosse um espião. Kashiti tinha ouvido do falecido Kumekiti que os guardas usavam deste tipo de astúcia.

Togoro respondeu de forma inesperada. Disse em voz baixa que se denunciou e viera para cá.

— Você?!.

Quando os prisioneiros riram, Togoro contestou com uma voz estúpida. Controlando a situação, Kashiti perguntou-lhe se sabia da tortura que o esperava e aconselhou-o a ir embora se fosse para atrapalhar a todos. Togoro se calou.

— Não está com medo?

Togoro murmurou:

— Estou.

Então... Quando lhe disseram que fosse embora já que estava com medo da tortura, Togoro começou a falar de coisas estranhas. Se eu vim aqui foi porque ouvi a voz. Realmente eu ouvi essa voz. A voz suplicava chorando para que Togoro fosse mais uma vez a Tsuyama onde os seus companheiros se encontravam e que ele poderia voltar se ficasse com medo da tortura.

Era uma noite em que, somente o ruído dos galhos das árvores se quebrando, rompia o silêncio, mas os prisioneiros ouviam atentos a fala de Togoro.

— Não há uma estória melhor do que esta para Togoro. — Um dos homens murmurou. Pensou ser uma conversa inventada por Togoro a seu favor para ser perdoado pelos companheiros e aldeões, da traição de dois anos atrás. Dava para se pensar que o fato de se ter permissão de ir embora se ficasse com medo da tortura seria uma boa desculpa para, desta vez também, livrar-se da tortura. Kashiti, no entanto, ao mesmo tempo em que pensava dessa forma, achava também que poderia não ser assim. E, sem conseguir dormir, Kashiti sentia na escuridão, o ruído que Togoro fazia ao mexer seu corpo.

No dia seguinte, Togoro foi arrastado para fora e atirado na lagoa pelos guardas. A começar por Kashiti, todos os outros prisioneiros, ao ouvir o grito de Togoro semelhante ao de uma criança, rezaram o Credo, pedindo a Deus que desse forças para esse medroso; mas o que ouviram no final, foi uma voz contrária a esse pedido. Togoro jurou pisar no *fumie* e foi retirado da lagoa. Nesta ocasião, Kashiti percebeu

que a dúvida que ele tinha tido por aquele homem na noite anterior fora um engano e ficou tranquilo. "Está bem assim, está bem assim", pensou. Assim, Togoro foi expulso pelos guardas e depois não se sabe para onde ele foi. No ano 4 da era *Meiji*, os oito prisioneiros foram libertados pelo novo governo.

O padre Inoue chegou. Como fizera o vendedor de fotos eróticas, abriu devagarinho a porta e entrou no quarto. Lá fora, o frio deveria estar intenso; não obstante, um leve suor transparecia no seu rosto pálido. Somos amigos desde a época de estudante e fomos à França compartilhando o porão de um navio cargueiro com soldados e trabalhadores braçais.

— Acabei não conseguindo cumprir a promessa.

— O *fumie* não deu certo?

— Não.

Parece que, por ordens superiores, um outro padre levou o *fumie* de Nagasaki para a biblioteca da Faculdade J. Há uma pequena mancha rubro-negra na testa de Inoue. Auxiliar de padre de uma pequena igreja de bairro, as mangas do seu casaco e o joelho da calça preta estavam puídos. Como havia imaginado, a sua figura fazia-me lembrar o homem do chapéu de alpinista. Entretanto, nada lhe disse a este respeito.

Inoue contou que vira o tal *fumie*. A moldura de madeira estava apodrecida e a imagem de Cristo em cobre que teria sido feita por um artífice provinciano de Uragami estava envolta por um pó esverdeado. O rosto, que mais parecia um rabisco infantil, estava tão gasto que não se conseguia nem distinguir os olhos do nariz. Esse *fumie* estava abandonado no depósito do Sr. Fukae, em Oakemura.

Iniciei uma nova conversa, fumando. Perguntei ao padre Inoue sobre a cena da última ceia do Evangelho de João, sobre o qual persistia em mim já há algum tempo um ponto duvidoso. A passagem que evocava tal dúvida era aquela em que Cristo oferece um pedaço de pão a Judas traidor. —"Então, tomou um pedaço de pão, tendo-o molhado, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes... e disse: o que pretendes fazer, faze-o depressa"

Fazer o que deve ser feito é exatamente Judas trair o Cristo e afirmar o seu comércio. Por que motivo Cristo não evitou que Judas cometesse tal ato? Gostaria de saber por que Cristo afastou Judas de maneira tão cruel. O padre Inoue diz que estas palavras refletem o lado humano de Cristo. Cristo ama Judas, mas ao fazê-lo sentar junto, não

consegue esconder a aversão que sente por ele. A idéia do padre se baseia na concepção de que essa mentalidade se assemelha ao misto de amor e ódio que sentimos em relação à mulher que nos traiu, embora no fundo a amemos ainda. Mas eu me opus à essa observação:

— Este não é um mandamento. Por acaso, não teria havido uma paulatina alteração da versão original? De qualquer modo, você faria isso. Mesmo que o faça, não tem jeito. Por isso, faça. É para isso que existe a minha cruz e a razão pela qual eu a carrego nas costas. Não seria este o sentido daquelas palavras? Afinal de contas, Cristo é sabedor de todos os pecados irremediáveis do ser humano.

No terraço superior, parece que o coro que até há pouco se ouvia, cessou; o hospital, agora à tarde, está imerso no silêncio. Mesmo sendo contrariado por Inoue, mantenho firmemente a minha opinião um tanto divergente dele. De repente, pensei no *fumie* que não vi. Queria tê-lo visto antes da operação, mas se isso não for possível, paciência. De acordo com o que me contou Inoue, a imagem de Cristo gravada em placa de bronze enquadrada na moldura de madeira quase podre, estava gasta. Foram os pés das pessoas que pisaram nessa placa que feriram pouco a pouco o rosto de Cristo, desgastando-o. Mas quem se feriu não foi somente o Cristo de placa de bronze. Tenho a impressão de que posso compreender a dor que Togoro também sentiu nos pés quando pisou Nele. Essa dor do ser humano é também transmitida para o Cristo da placa de bronze. Como Ele não pode suportar a dor do ser humano, tomado de compaixão, diz em voz baixa: —"O que pretendes fazer, faze-o depressa" O dono do rosto a ser pisado e aquele que nele pisará, viveram e vivem até hoje essa relação.

Novamente distraído, penso na pequena fotografia de bordas amareladas que o homem de chapéu de alpinista trazia agora há pouco. Assim como o corpo sombrio do homem e o corpo sombrio da mulher se abraçam gemendo na penumbra, o rosto de Cristo em bronze e o corpo do homem se tocam. Entre eles há uma semelhança misteriosa. Isto estava escrito em alguma parte do catecismo (eu, por muito tempo desprezei este livro) que as crianças aprendiam das religiosas nas tardes de domingo, no quintal que cheirava a geléia se cozendo, nos fundos da igreja. Vi que tinha conseguido aprender apenas isto, levando trinta anos.

Depois que o padre foi embora, mergulhei novamente na cama e esperei a chegada da minha mulher. Por entre a nuvem cinzenta, e os fracos raios de sol penetram de quando em quando no quarto do hospital. Sobre o aquecedor elétrico a chaleira solta o vapor. Algo

rolou fazendo um pequeno ruído; abri os olhos e olhei para o chão: era o amuleto que o homem de chapéu de alpinista tinha me dado. Um pequeno *kokeshi*, um pouco sujo como a vida.

NOTAS:

(1) Fumie — placas de madeira ou bronze onde eram esculpidas as imagens de Cristo, Maria ou a Cruz, utilizadas pelo governo na época de Edo, para oprimir os fiéis cristãos. Obrigavam-nos a pisar nessas placas como prova de juramento para renegar o Cristianismo.

(2) Kakure (de Kakure Kirishitan) — fiéis cristãos que, mesmo após a proibição desta religião no Japão, escondidos, continuavam fiéis aos princípios do cristianismo.

(3) Shitaobi — espécie de roupas de baixo.